Produzir

Destravar as negociações internacionais



Cesário Ramalho da Silva*

NO PRIMEIRO semestre, o faturamento com as exportações do agronegócio alcançou US$ 50 bilhões, 11% acima do resultado obtido em igual período de 2012, com um incremento de 20% no volume exportado.

Já, no acumulado dos últimos doze meses, houve expansão de 4% do valor exportado, superando os US$ 100 bilhões, segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) – Esalq/USP.

São bons números?! É claro que sim. E demonstram a força do agro na pauta exportadora. Não custa repetir que se não fossem as exportações de produtos agrícolas, a balança comercial do País seria deficitária.

Mas, esses resultados mascaram um processo de transformação que vem ocorrendo no comércio mundial e ao qual o Brasil vem se mantendo alheio. A proliferação de acordos bilaterais e, concomitantemente, a formação de novos superblocos comerciais compõem o novo quadro.

Preso a um Mercosul marcado por conflitos comerciais entre os países-membros, posicionamentos ideológicos, desavenças políticas e letargia para negociar, o Brasil caminha para o isolamento.

Enquanto Chile, Colômbia e Peru (que compõem a Aliança do Pacífico) têm acordos de livre comércio com Estados Unidos, União Europeia e Ásia, por meio do Mercosul, o Brasil só fez acordos com nações da América do Sul e outras sem muita relevância comercial.

Potencial desperdiçado

Isso é pouco, muito pouco, para o Brasil e para o Mercosul. Nenhuma outra região possui características que permitam aumentar a produção agropecuária com respeito ambiental, destaca o documento "Segurança Alimentar Global e Recursos Naturais Agrícolas: Papel e Visão da Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai".

São exatamente os diferenciais competitivos em terra, água e clima – ou seja, a grande disponibilidade de recursos naturais –, somados ao modelo de produção agropecuária local baseado em ganhos de produtividade, que podem catapultar o Mercosul a ser o grande provedor de comida e agroenergia do planeta.

Nos últimos vinte anos, o bloco aumentou significativamente sua contribuição na produção agropecuária mundial. A produção agrícola *per capita* na região cresceu 80% mais do que a média mundial durante a primeira década deste século.

Em termos de potencial, números do Banco Mundial sustentam que o Mercosul pode incorporar mais 123 milhões de hectares para cultivo – com o Brasil sendo protagonista nesse ponto –, sem avançar sobre vegetação nativa, perdendo apenas para a África subsaariana. No que diz respeito ao estoque d'água, a região só fica atrás da Austrália e da Nova Zelândia juntas.

Vilões

Brasil e Argentina são os maiores países do bloco, com cadeias produtivas do agronegócio poderosas e diversificadas. Contudo, são justamente os governos de ambos os maiores vilões do Mercosul.

Buenos Aires adotou uma plataforma política populista, de caráter "bolivariano", que sufoca os setores produtivos locais e perde credibilidade internacional. Brasília padece de situação semelhante – ainda que de modo mais ameno, menos acintoso, mas não menos danoso à expansão comercial.

Arraigado em propósitos muito mais políticos, o Itamaraty carece de vontade, sensibilidade e preparo para atuar de maneira mais pragmática comercialmente. O que é mais valioso para o nosso desenvolvimento socioeconômico? Uma cadeira permanente no Conselho de Segurança da ONU ou mais mercados para os nossos produtos? O agro brasileiro produz cada vez mais, mas a diversidade de mercados é cada vez menor.

Em recentes viagens (Nova York, Londres), pude constatar, por exemplo, que nossos adidos agrícolas estão desassistidos. Está comprovado que a estratégia de um mundo Sul-Sul escolhida pelo Governo não foi boa. O Brasil precisa buscar parceiros comerciais mais fortes.

O ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota, sinalizou retomada das negociações entre Mercosul e União Europeia, mas não descartou a possibilidade de o Brasil negociar em separado. Em outubro, a presidenta Dilma fará visita oficial aos Estados Unidos e terá uma oportunidade de ouro para tratar de negociações comerciais. Que a inércia dê lugar à ação. ■

*Produtor rural e presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)